

A Imprensa como porta-voz da classe operária:
O caso do jornal A Evolução de Rio Grande/RS (1934-1937)

Janaina Schaun Sbabo
Mestranda em História (UFPEL)

Resumo: O presente texto observa a atuação do jornal *A Evolução* como representante dos interesses da classe operária rio-grandina, destacando a forma de organização dos trabalhadores durante a década de 1930. Para isto, buscamos compreender a forma como se configurava a militância dos trabalhadores na cidade. A folha se faz presente na sociedade rio-grandina entre os anos 1934-1937, com uma interrupção em 1936. A respeito das lutas dos trabalhadores pela dignidade no trabalho, constatamos que o periódico age como um legítimo representante da classe, utilizando-se da militância como um recurso para que houvesse união entre os trabalhadores.

Palavras-Chave: Classe Operária; Imprensa; A Evolução; Rio Grande; e 1930.

Introdução

Movimentos grevistas, organizações de espaços educacionais e incentivo a prática de atividades de lazer, eram algumas das ações efetuadas pelos trabalhadores militantes no final do século XIX e primeiros decênios do século XX. Na década de 1930, o controle estabelecido sobre o trabalhador influenciou na elaboração de mecanismos de resistência à autoridade exercida perante a vida e o trabalho dos operários.

O direito de greve dos trabalhadores, as assembleias sindicais que ocorriam na cidade e as manifestações contra a carestia, são registros encontrados nas páginas do jornal *A Evolução de Rio Grande/RS*, as quais dividiam espaço com as diferentes formas de organização política que se faziam presentes no cenário mundial, nacional e local.

A “Revolução de 1930” trouxe consigo algumas modificações. Pois, a partir deste momento, não se buscava mais eleger diferentes grupos para governá-lo, se tratava de uma transformação na estrutura política e social do País, a princípio, capaz de agrupar todas as classes sociais.

Esses dados possuem relação com o momento político que se encontrava o país, período em que ocorria a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), além da formação de uma peça fundamental para este sistema de regulação social, como é o

caso das Juntas de Conciliação e Julgamento¹. Ou seja, entrava em cena um novo modo de controle sobre o movimento operário nacional, considerados eventos políticos e normativos importantes que influenciaram o contorno da ação disciplinadora do Estado.

No que se refere à condição de vida dos trabalhadores, esta melhorou nesses anos. Mesmo se tratando de um período marcado pela depressão econômica que culminou na queda da produção, aumento do custo de vida e falta de empregos.

Diante desta situação, os jornais iniciaram a divulgar as péssimas condições de moradia em que se encontravam os trabalhadores, inclusive aqueles que residiam na área urbana há mais tempo, ao redor das fábricas. Além da falta de estrutura das habitações, em Rio Grande, os trabalhadores ainda enfrentavam dificuldades na sua locomoção no interior da cidade, a qual era feita através do único serviço público de transporte disponível aos operários na época, o bonde.

Nem todos os operários tinham condições para utilizar sapatos, mesmo fora do trabalho, e por isso, embarcavam nos bondes uns de chinelos e outros de tamancos. Diante disso, surgiu um impedimento, os trabalhadores que calçavam chinelos ou tamancos estavam sendo proibidos de sentarem-se nos bancos dos bondes.

Outro efeito das más condições de vida dos trabalhadores, era o crescente número de crianças morando na rua. Em Rio Grande, os menores eram encontrados vagando pelos bares, cafés, praças ou ao redor do Mercado Público. Dormindo ao relento quando não estava chovendo, ou abrigando-se no interior de canos, canoas velhas e sucatas do Porto quando chovia.

Se grande é o número de crianças morando na rua, não é menor a quantidade de meninos e meninas submetidos a um regime de trabalho em fábricas, casas de comércio e oficinas da cidade. Com um salário reduzido, que mal dava para pagar a sua alimentação, desenvolviam atividades que estava em desacordo com as suas condições físicas, durante um grande período de horas.

O A Evolução e a organização dos trabalhadores em Rio Grande na década de 1930

Em Rio Grande, as condições de trabalho foram aos poucos melhorando. As denúncias feitas pelos sindicatos foi o que possibilitou isto acontecer. Neste momento, a tuberculose alastrava-se entre os trabalhadores urbanos, mas, segundo os sindicalistas e a imprensa

¹ Sobre a formação das Juntas, ver: Speranza, Clarice. Os trabalhadores e a lei: análise dos processos trabalhistas envolvendo mineiros de carvão do Rio Grande do Sul entre 1946 e 1954. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1278084701_ARQUIVO_anpuh10.pdf

operária, os industriais não se preocupavam com a presença da doença entre os seus trabalhadores, pois, para cada operário doente, havia “no portão da fábrica, a escolher, um grande exército de escravos, desocupados, famintos para preencher os claros que se ia verificando nas fileiras de seus servidores”.

As indústrias de conservas recebiam muitas queixas, principalmente, fazendo referência a forma como tratavam os seus trabalhadores. Em 1934, o jornal *A Evolução* registra as péssimas condições de trabalho da fábrica Gallo, além da utilização da mão de obra infantil e más condições de higiene presentes na indústria. Em 1935, há registros de que a Companhia Swift tratava com diferença os operários estrangeiros dos nacionais, esta distinção se refletia até mesmo na alimentação dos trabalhadores. Já em 1936, o jornal divulga o excesso de trabalho desempenhado inclusive, por menores de idade na fábrica Cunha Amaral. O periódico ainda relata que se ocorresse a organização de um movimento onde os operários se recusassem a continuar com as atividades, estes seriam taxados de extremistas, anarquistas e/ou comunistas. Taxativos usados para intimidá-los, provavelmente, procurando fazer com que o trabalhador perceba a presença de uma política de correção.

Neste contexto, a polícia se encontrava colocando em prática o que havia sido projetado pelo Estado. Ao mesmo tempo, a classe trabalhadora começou a fazer parte da vida política do País, pois o governo instituiu leis trabalhistas e mecanismos de regularização da sindicalização, incorporando assim, um formato único de organização da classe trabalhadora, conforme vimos no primeiro capítulo.

Diante destas modificações, diferentes grupos buscaram trazer para si a força dos trabalhadores: o Estado por meio das leis trabalhistas, com a criação do MTIC e com a repressão policial; a igreja através dos Círculos Operários; os integralistas que buscavam expandir a sua ideologia com o auxílio de uma rede de jornais e revistas; e os comunistas pela sua militância. Assim, é válido perguntar de que forma o jornal contribuía para a formação da classe e da sua consciência entre os trabalhadores rio-grandinos de 1934 a 1937?

O movimento de trabalhadores de Rio Grande, em 1930, foi marcado pela organização de greves e criação de entidades sindicais. Na cidade, o movimento já havia adquirido certa experiência, pois, desde o início do século se tinha a organização de associações representantes do operariado rio-grandino.

Com a intervenção do Estado, as associações beneficentes perderam o seu caráter mutualista. Frente a isso, as organizações responsáveis pelas relações entre Capital, Trabalho e Estado foram elaborando outras formas de sanar as necessidades, até o momento, satisfeitas pelas entidades de socorros mútuos. Porém, em Rio Grande, várias associações continuaram

existindo: S.B. Classes Laboriosas [...], Centro Republicano Português, Sociedade Italiana de Mutua Cooperazione, Sociedade Polonesa Água Branca, Sociedade Uruguaia de Socorros Mútuos [...] e Centro Espanhol de Socorros Mútuos, este último, com a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) e contando com a participação de antigas lideranças da SUO passou a fundar o Centro Republicano Espanhol e de Amigos da Espanha (Loner, 1999, p. 398).

Ao mesmo tempo em que ocorria a substituição das entidades beneficentes operárias por sindicatos, após 1930, desenvolveram-se também as entidades patronais, as quais tinham por objetivo contar com a representação da classe no parlamento e fazer a interlocução na relação entre o empresariado e o governo.

Segundo Loner (1999), em Rio Grande, os industriais das fábricas de conservas e de tecidos organizaram-se, os primeiros, em um sindicato próprio, já os segundos fundaram o Centro da Indústria Fabril, com sede em Porto Alegre. Para que o patronato pudesse filiar-se ao Centro, havia algumas considerações, como: a fábrica deveria ter mais de 25 trabalhadores por turno e contar com um capital de no mínimo 200 mil réis. Com um baixo número de filiados, o Centro contava com um total de 90 empresas associadas em 1933 e 115 em 1935, destas, seis eram de Rio Grande.

Essa foi uma década complexa para os trabalhadores e suas organizações. Além das mudanças que as suas entidades representativas estavam presenciando e a cada vez mais intensa vigilância do Estado, os industriais também se organizaram a modo de aperfeiçoar a sua ação. Assim, percebemos que o contexto do pós-30, fez com que o trabalhador se adaptasse, às novas condições, reconhecendo-se enquanto classe e agente político.

Foram vários os fatores que justificaram a escolha dos trabalhadores em se organizarem dentro das leis sindicais, ou mesmo a observarem a legislação social como benéfica. Se para muitos a sindicalização e a instituição das leis trabalhistas lhes pareceram normais, para outros, que possuíam certa experiência diante do movimento, foi algo que lhes levou a dúvidas e questionamentos no interior de suas associações.

A Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), é um exemplo deste impasse. Criada em fevereiro de 1933, durante o primeiro congresso realizado pela associação, em Porto Alegre, em um evento da classe que contou com a participação de 51 associações de trabalhadores, destas, 17 eram oficializadas. Segundo Loner, a entidade nasceu diante dos sindicatos que estavam dispostos a aderir a sindicalização instituída pelo Governo Federal. Mas, a atuação da FORGS, enquanto representante do movimento sindical gaúcho não permaneceu de forma harmoniosa por muito tempo, pois, em um episódio que envolveu a mobilização dos padeiros, que buscavam regulamentação na jornada de trabalho, a FORGS

acusou o Inspetor do MTIC por não estar cumprindo as leis, ao proteger os patrões frente as mobilizações dos padeiros. Neste episódio, a FORGS recebeu o apoio de entidades sindicais de todo o Estado, tendo fim com a chegada do Ministro do Trabalho em Porto Alegre. Este fato foi importante para os trabalhadores gaúchos, porque contribuiu, não só para a sua experiência enquanto grupo organizado, mas também para o conhecimento sobre os problemas da sindicalização (LONER, 1999).

Em Rio Grande, o núcleo da FORGS foi organizado durante a passagem da caravana proletária pela cidade, em 27 de julho de 1934. Neste evento, o representante da entidade era Policarpo Machado, o qual em seu discurso falou sobre as ações do Congresso promovido pela Federação. Machado também acusou os padres por utilizarem os Círculos Operários para desempenharem ações repressivas, inclusive, perante a Federação Operária.

Na História do movimento dos trabalhadores, entre 1930 e 1935 ocorreu o crescimento das organizações sindicais em todo o País, mesmo em 1935, quando teve início um período marcado por grandes perseguições policiais a quem demonstrasse apoio as mobilizações da esquerda.

Em Rio Grande, após o desaparecimento da Frente Sindicalista (FS) e a filiação da Sociedade União Operária (SUO) à FORGS, a União Operária passa a ser reconhecida como entidade máxima dos trabalhadores na cidade. No entanto, o *A Evolução* divulga, a partir de 1934, diversas tentativas de implantar consistentes entidades centrais na cidade, além da criação de sindicatos representantes de categorias.

Na cidade, a igreja também esteve presente entre os trabalhadores, sendo representada pela atuação do Círculo Operário Rio Grandense (CORG). O CORG foi fundado em 1932 e desempenhava ações assistencialistas em relação as necessidades do operariado. Apesar da sua atuação ter sido mais modesta em comparação a outras entidades como a SUO e a Frente, o Círculo recebia o apoio das autoridades municipais. Em 1936, o Círculo esteve envolvido em uma grande discussão que tratava da construção do Liceu Salesiano na cidade. O *A Evolução*, por sua vez, apresentou uma percepção particular frente a verba que estava sendo disponibilizada pela prefeitura para a construção do Liceu Leão XIII.

O caso do Liceu foi o seguinte, a prefeitura de Rio Grande, instituiu em 12 de março de 1936 a Lei nº 206², a qual autorizou o lançamento de um empréstimo interno de 250

² Lei nº 206. Art. 1º -Fica a Prefeitura Municipal do Rio Grande autorizada a lançar um empréstimo interno de duzentos e cinquenta contos de réis (Rs. 250:000\$000) em apólices ao portador, do valor nominal de quinhentos mil réis (Rs. 500\$000), cada uma, ao juro máximo de oito por cento (8%) ao ano pago por semestres vencidos em 30 de junho e 31 de dezembro de cada ano e resgatáveis no prazo máximo de (20) anos, a partir do 1º semestre de 1934.

contos de réis para a construção do edifício do então Liceu Salesiano Artes e Ofícios Leão XIII. O jornal se manifestou dizendo não compreender a lógica deste ato, pois este auxílio estava sendo dado a uma Ordem consideravelmente rica como é a dos Salesianos. No que se refere a economia da cidade, diz ser prejudicial para os cofres públicos, os quais já se encontram sobrecarregados de despesas.

Em colunas de edições anteriores, o jornal divulgou diversas emendas rejeitadas pelo Conselho Municipal. Alegava falta de meios para o cumprimento desses encargos. Entre os pedidos para a prefeitura que não foram atendidos por falta de verba, se tem o fornecimento de água para determinada parte da cidade que estava em desenvolvimento (chamada zona nova). Além desta solicitação não atendida pela prefeitura no momento, havia também as reclamações feitas por funcionários do Município que se queixavam do baixo salário recebido. Sobre esta reivindicação, após ter debatido este assunto, a Câmara rejeitou tal emenda, dizendo que a prefeitura não possuía condições de obter mais despesas, não previstas no orçamento³.

O jornal discute a legalidade deste ato da prefeitura, argumentando que o auxílio ao Liceu Salesiano não era de interesse coletivo, e que o prefeito estava utilizando o cargo ocupado para beneficiar, com medidas como esta, uma Ordem religiosa a qual ele era adepto⁴. De acordo com o jornal:

O município poderia aplicar melhor os 250 contos. Não lhe faltariam obras de maior relevância para o seu povo. Quantos abrigos para órfãos e desamparados que o município tem o dever de protegê-los! Com 250 contos e mais os grandes juros de correntes se poderiam construir em terrenos do município quase 100 casas para os operários e pequenos funcionários que vivem em estado lastimável de miséria com suas famílias. Com essa importância poderia ser edificada uma boa escola pública que o município muito precisa [...] (*A Evolução*, 28/06/1936).

Após a divulgação de seu posicionamento quanto a construção do Liceu, dizendo que a instituição iria beneficiar apenas uma pequena parcela dos 60.000 habitantes de Rio Grande, o *A Evolução* passou a ser chamado de “filhote do comunismo”, decidindo assim, nada mais comentar sobre o caso⁵.

A presença comunista representava uma ameaça para a manutenção da ordem social burguesa. A partir da análise do jornal, é possível observar que os militantes eram vigiados e

Art. 2º - O empréstimo de que trata o art. 1 antecedente será aplicado como auxílio, na construção do edifício do Liceu Salesiano Artes e Ofícios Leão XIII, desta cidade.

Art. 3º - As apólices referentes ao empréstimo citado no art. 1, serão entregues à Ordem dos Salesianos, mediante contrato em que fiquem firmadas as condições do auxílio (*A Evolução*, 19/03/1936).

³ *A Evolução*, 29 de março de 1936.

⁴ *Idem*.

⁵ *A Evolução*, 28 de junho de 1936.

combatidos, restando a eles criar novos mecanismos de atuação política, dinamizando o movimento. Nesta perspectiva, consideramos que, entre os movimentos de trabalhadores da década de 1930, a imprensa operária funcionava como suporte para inserção destes sujeitos que ficavam à margem desta sociedade “ordenada” e “pacífica”.

Em nome dos trabalhadores brasileiros, protestamos contra a atitude vandálica da polícia, atacando, ferindo e lançando gases lacrimogênicos nos operários e bancários (*A Evolução*, 15/07/1934).

Como parte que integra a crítica social produzida neste contexto de expansão da política repressiva do Estado, é que jornais operários vão atuar e desenvolver uma luta política em busca de melhores condições de vida para os trabalhadores.

Visto isso, o jornal aqui trabalhado, *A Evolução*, circulou na cidade de Rio Grande entre os anos de 1934 e 1937 e recebeu apoio de diversas associações operárias, através dos seus títulos publicados. Traz em seu subtítulo a identificação de ser “órgão dos interesses das classes trabalhadoras”, apresentando denúncias, dilemas e projetos políticos direcionados à classe operária.

Acreditamos que não devia ser fácil manter em circulação um jornal operário. Os recursos eram escassos, e conseguir algum patrocínio era muito difícil. No entanto, mesmo com as dificuldades advindas do processo de confecção dos jornais destinados à classe operária, os diretores e colaboradores procuravam mantê-los em circulação. O *A Evolução*, faz isso por meio dos pedidos de colaboração aos operários em suas páginas.

TRABALHADOR!

Queres o progresso do teu jornal? Desejas engrandecer a tua classe com a publicação de uma folha genuinamente proletária?

Poderá ter vida longa um jornal sem recursos materiais sem depender da boa vontade da classe trabalhadora?

É claro que não.

Ajudarás muito a nossa e a tua causa apenas com isto: Conseguindo mais uma assinatura para o *A Evolução* (*A Evolução*, 08/07/1934).

Nesse sentido, muitos textos foram produzidos visando mostrar ao público-alvo, o trabalhador, a importância de se ter um instrumento de imprensa que se posicionasse em seu favor e que defendesse questões relacionadas às suas necessidades. Portanto, a orientação no sentido de externar a importância de um órgão exclusivo do trabalhador rio-grandino estava presente nas edições do *A Evolução*.

Parece-nos relevante também destacar o fato de que a produção do jornal se dava na tipografia de uma agremiação sindical da cidade, a SUO, em um momento em que a entidade

passava por processo de revitalização, retomando a sua posição enquanto a principal representante dos trabalhadores na cidade.

Ao longo de todo o período, o *A Evolução* manteve o mesmo *layout*, com quatro páginas com diversas colunas, a quarta página sendo reservada para temas de âmbito nacional e/ou internacional. Ao contrário do que ocorria em suas edições especiais, do dia 1º de maio, momento em que o jornal é integralmente destinado à veiculação de artigos, notícias, folhetins e eventualmente algum poema. As propagandas e anúncios deste perfil, não se encontram no *A Evolução*.

A atuação do jornal como suporte para a ação política não só dos gráficos rio-grandinos, mas também dos operários da cidade é observada ao longo de todo o jornal. As referências são inúmeras, desde as mais sutis, até as mais explícitas.

Do ponto de vista político, o jornal se colocava como um instrumento de conscientização, mobilização e luta dos trabalhadores. Em suas páginas há denúncias sobre as condições de trabalho (jornada de trabalho extensa, falta de segurança nos locais de trabalho e demissões arbitrárias), condições de vida (carestia dos gêneros alimentícios, aluguel, estado sanitário e escolarização), além de falar sobre a opressão patronal e a exclusão social.

A estratégia defendida pelo jornal, capaz de assegurar melhores condições de vida para os trabalhadores da cidade, era a organização dos próprios trabalhadores, pois este era um importante mecanismo para a luta social e política.

Cumpra pois ao trabalhador unir-se coeso, em torno do sindicato para reagir contra as protelações e novos métodos de exploração que sem dúvida irão surgir. Entre as inúmeras classes que não possuem um órgão de classe que lhe possa defender os interesses, se acha a classe dos operários das fábricas de biscoitos e conservas que é bem numerosa pelo elevado número de operários que empregam a atividade neste ramo industrial (*A Evolução*, 26/01/1936).

Os discursos sobre a importância da organização em torno de sociedades operárias eram constantes nas edições do jornal, sobretudo na coluna intitulada “movimento sindical”, responsável por trazer informações acerca dos sindicatos de categorias ou mesmo das centrais sindicais da cidade. Nesta coluna, é comum o jornal apontar as dificuldades advindas do processo de enfrentamento contra as “imposições” e os “desmandos” do patronato e do Estado, caso o trabalhador não estivesse filiado a uma entidade representativa.

O discurso presente no jornal se localiza no contraponto ao universo patronal e a outras formas de poder constituído. O que nos faz compreender que havia no *A Evolução*, a presença de certa conscientização e pertencimento à classe trabalhadora.

Outra característica presente no jornal são os textos chamados de “apelos”, são aqueles que se caracterizam por ter um discurso dirigido ao leitor, ou seja, o seu “recado” era direto, deixando os seus objetivos explícitos para quem os lessem. No “apelo” publicado no dia do lançamento do *A Evolução*, 1º de maio de 1934, encontra-se o seguinte anúncio: “Prestigia-o!” Pois será o teu defensor”⁶. Aqui, o texto faz referência a Sessão Solene que foi realizada no dia do trabalhador, na mesma data o *A Evolução* foi lançado, sendo ele reconhecido como uma folha operária, legítima representante dos trabalhadores rio-grandinos. Os “apelos” é um tipo de texto que será encontrado nas demais edições do jornal, dirigidos aos trabalhadores para que auxiliassem na sua manutenção e demonstrando a sua importância frente a luta dos trabalhadores.

Os articulistas utilizavam este espaço do jornal para se referirem a entidade responsável pelo processo de editoração do jornal, a SUO, pois havia palavras reforçando a importância desta entidade. Na primeira edição da folha, em sua primeira página, se tem o seguinte “apelo”:

Não tendo, como é natural, o nosso modesto semanário o apoio financeiro necessário à manutenção de um órgão de caráter genuinamente proletário, apelas para os nossos companheiros no sentido de aceitarem uma assinatura desta folha ou cooperar com qualquer importância [...].
A propaganda no nosso periódico se impõe como um dever a cumprir, pois que ele, é de todos os trabalhadores em geral (*A Evolução*, 1º/05/1934).

No texto, quando o articulista diz que o jornal “é de todos os trabalhadores”, quer dizer que ele pode estar formando a ideia de que a SUO, por congrega os trabalhadores da cidade, é concebida a entidade máxima da classe operária em Rio Grande.

Os artigos escritos por seus colaboradores que eram “diversos” buscavam despertar os sentimentos de força, construir identidades ou antagonismos entre os trabalhadores, tentando orientar as atividades desses operários. Entre as colunas do jornal que eram utilizadas para atingir estes objetivos, encontra-se “*O Bilhete*”, espaço onde seu redator, apresentado como Severo, convocava semanalmente os trabalhadores para o fortalecimento do seu órgão de classe. Além disso, “*O Bilhete*” apresenta críticas sobre temas que faziam parte do cotidiano dos operários naquele momento: Valor abusivo dos alimentos, falta de cumprimento das leis sindicais pelos fiscais do trabalho, anúncio de algum movimento grevista no País, exploração patronal, valor do transporte urbano, combate ao integralismo, etc. Ou seja, um espaço destinado pelo jornal com a finalidade de discutir temas apresentados como sendo de interesse para o conjunto da classe.

⁶ *A Evolução*, 1º de maio de 1934.

O jornal também atribui atenção para algumas datas festivas que faziam parte da vida do trabalhador, comemorações que dividiam espaço com a militância. O 1º de Maio era a festividade que, anualmente, se encontrava divulgada nas páginas do *A Evolução*, tanto por representar o dia do trabalhador, como também por ser a data de aniversário da SUO, referenciando assim, o universo da “cultura associativa”.

Sobre o 1º de Maio, a comemoração, em suas diversas faces, assumia um caráter ritualístico, as notas publicadas traziam uma série de informações acerca das atividades que seriam realizadas nesta data na cidade. As comemorações aconteciam tanto no interior da SUO como no espaço público. Por se tratar de um ato protagonizado por trabalhadores, de caráter político, era comum que a festividade tivesse essa dimensão pública, identificando o lado voluntário de uma classe que busca ampliar o movimento.

Assim, a produção e distribuição dos jornais, e a sua funcionalidade enquanto instrumento de conscientização, mobilização e orientação da classe trabalhadora e suas relações com o universo social, político, econômico e cultural desta classe, são os elementos que distinguem este tipo de imprensa de outras.

Na década de 1930, em Rio Grande, surgiram algumas entidades de representação operária, as quais estiveram atuantes por pouco tempo no movimento sindical da cidade. Com exceção da Frente Sindicalista que congregou uma quantidade considerável de sindicatos, mas que também acabou tendo as suas atividades interrompidas, as demais organizações foram extintas logo após a sua fundação. Assim, a SUO continuou sendo a associação que esteve presente entre os trabalhadores, preservando-se enquanto uma entidade sindical de esquerda, se mantendo de pé diante das mudanças na estrutura política do País, e em momentos em que a repressão foi mais visível.

Em termos de movimento sindical em Rio Grande, atesta-se que os trabalhadores haviam amadurecido no processo de organização e construção da classe. O jornal contribuiu para este amadurecimento ao divulgar as diversas tentativas do movimento para implantar uma organização central na cidade. Ao mesmo tempo em que apoiava os setores mais próximos da classe trabalhadora que eram os seus sindicatos, buscando, ao mesmo tempo, melhorias na qualidade de vida e de trabalho da classe. Isto a partir de seu olhar sob as principais reivindicações dos trabalhadores rio-grandinos durante os anos de 1934 a 1937, período em que o *A Evolução* esteve atuante.

Referências

KONRAD, Glaucia Vieira Ramos. **Os trabalhadores e o Estado Novo no Rio Grande do Sul**: um retrato da sociedade e do mundo do trabalho (1937-1945). Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp-IFCH, 2006.

LONER, Beatriz Ana. **Classe operária**: organização e mobilização em Pelotas, 1888-1937. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 1999.

MARTINS, Solismar Fraga. **A produção do espaço em uma cidade portuária através dos períodos de industrialização**: o caso do Município do Rio Grande – RS. Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SPERANZA, Clarice. **Os trabalhadores e a lei**: análise dos processos trabalhistas envolvendo mineiros de carvão do Rio Grande do Sul entre 1946 e 1954. X Encontro Estadual de História. Santa Maria, 2010.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**. "A árvore da liberdade". Vol. I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.